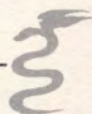


O B R A S D E
M Á R I O C L Á U D I O



A ILHA DE ORIENTE

t e a t r o



MÁRIO CLÁUDIO



A ILHA DE ORIENTE

Mistério em Três Actos,
com Prólogo e Epílogo

*Espectáculo estreado, a 27 de Setembro de 1989,
na Sala Polivalente da Fundação Calouste Gulbenkian,
integrado nos Encontros ACARTE 89, com encenação
de Filipe Lá Féria e música de cena de João Paulo Soares.*

Quetzal Editores
Lisboa/1989

Capa de Rogério Petinga
sobre gravura do *Códice Casanatense*

© Mário Cláudio e Quetzal Editores, 1989.

Quetzal Editores
Rua Sanches Coelho, 3, 9.º Esq.
1600 Lisboa
Telefones: 76 13 97, 76 25 93
Telex: 65732 PEGEST P

Impresso por:
Tipografia Guerra — Viseu

Depósito legal n.º 26763/89

NQZ.07.003.80.89

PERSONAGENS

Quatro Comediantes

Vasco da Gama

Um Cantor

Uma Cantora

Leonardo

Ninfa / Alma

Aurora / Esperança

Cefísia / Lebre / Fé

Zéfiro / Cisne / Temperança

Clóris / Gazela / Humildade

Pomona / Corvo / Caridade

Filomela / Fortaleza

Dafne / Castidade

*Um menino preto, um casal de bailarinos
indianos, quatro marinheiros.*

PRÓLOGO

QUATRO COMEDIANTES (*alternadamente*)

Ouvireis de minha ilha, que está no centro do Mundo, para que as estrelas se cruzem e as ventanias se encontrem. Ninguém dela vos dirá, porque ninguém a conhece, cristalino poliedro de luz refractada, por entre a espuma das ondas, quando se faz meio-dia ou desponta a lua-cheia. A ela se recolhem os nautas imprevidentes, apanhados pela explosão dos vendavais, pois que é dourada e redonda, como a paz que nela habita. Assim, dos trabalhos que padeceram se gratificam os bem-aventurados, ao fim da escura noite de seus medos, até que nus se descubram, com a própria ilha a reinar no peito da inquietação. Ouvireis, pois, de minha ilha, que está no centro do Mundo.

PANO

I ACTO

Palco representando uma praia insular. Entra Vasco da Gama, sob um baldaquino de veludo vermelho sustentado por um menino preto, apajado por um casal de bailarinos indianos, seguido por quatro marinheiros. Vento e relâmpagos, na distância.

VASCO DA GAMA (*batendo palmas, uma vez concluída a dança, de muitas cabriolas, do casal de bailarinos indianos*) — Amigos, dir-vos-ei que termina ou que começa aqui a viagem? A esta ilha vos trouxe, que não creio que exista, porquanto não a vi em mapa algum, nem nesses que tenho ocultos num vão da minha câmara da nau-capitânea. Aqui vos trouxe, com toda a armada das Índias, para que, pelo vosso próprio engenho, descobrisseis que mistério cabe ao Mundo e a Portugal. Contar-vos-ão que nos transportaram os deuses a este lugar, mas foi a existência, a vossa e a minha, que tal efeito operou. Escutemos as vozes, pois, amigos, embarquemos nelas. (*Bate palmas, de novo. Sai, com seu séquito, de passos abafados pelo estertor da tempestade marinba*)

Gradualmente, eis que vai decrescendo o fragor da borrasca. Entra Leonardo, com uma vastíssima capa de castorina negra, sobrançando uma enorme almofada de brocado de seda e oiro. Acomoda-se, para dormir, embrulhado em seu manto, e adormece, por fim. Do interior de sua capa, emerge a Ninfa, corre a toda a volta do palco, aquieta-se, a meio dele, com uma grande e estridente risada, enquanto os Quatro Comediantes, que não saíram de cena e Um Cantor e Uma Cantora, que entram agora recitam.

Leonardo, soldado bem disposto,
 Manhoso, cavaleiro, e namorado.
 Cansado, correndo. Espera, quero ver.
Tra la spiga e la man qual muro è messo?
 Não me fujas, em quanto desejei.
 Levas-me um coração, que livre tinha,
 Que todo se desfaz em puro amor.

(Saem os Quatro Comediantes, o Cantor e a Cantora)

NINFA — Duas luas passaram, já, sobre vossa chegada, ó ímpia gente, que nunca me avistais. Do seio deste que dorme, Leonardo, estranho nome de fera que desposasse uma flor, vos espio as passadas, criaturas amantes do sofrimento, por estes areais e por estas florestas, aonde a dor nunca chegou. Bem sei que longa viagem realizastes, como

se o Universo inteiro vos pertencesse, de que maravilhas os olhos se vos encheram, antes que as lágrimas, como sempre, pelas faces, que o mar salgou, se derramassem, prata e almíscar e marfim e canela, e cânfora e anil e aljôfar e âmbar, e incenso e pimenta e rubis e ébano. Ouves-me tu, Leonardo?

LEONARDO (*falando no sono*) — Por três quinze vezes, ai, como era pequenino, conheci o rosto e o travo da morte. Tinha ela a cara imunda e verde, como alga corroída, com um licor que me arranhava as veias da garganta. «Às armas», gritava eu, e ninguém, ninguém me escutava. Avançavam os companheiros, por detrás daquela grossa neblina, tão pesados, em suas couraças, que era só, a toda a volta, o alarido que faziam.

NINFA — Contaram-me, ainda, não me deixes mentir, que uma pomba branquíssima, nesse mesmo instante, em que o sangue vos manchava as lâminas e as mãos, se aninhava, tremendo, em teu coração. E que se chamava Margarida, ou Leonor, ou Raquel, e que trocava contigo palavras antigas, ouvidas à beira de certa nascente, ou pelos dentes de uma tapada, «ai, amor desta vida», «rapazinho estouvado», «não te afastes, por ora». Lembras-te disto, Leonardo, será verdade?

LEONARDO (*falando no sono*) — Senhor Capitão, tenho as mãos limpas de todo o crime,